

# “O MENINO E OS CIGANOS”: UM ENCONTRO ENTRE A RUA E A LITERATURA<sup>1</sup>

## “O MENINO E OS CIGANOS”: AN ENCOUNTER BETWEEN THE STREET AND LITERATURE

Letícia Queiroz de Carvalho\*

O objetivo deste texto é contribuir para as reflexões acerca da formação do leitor infantil, a partir da análise dos ecos advindos do espaço público, presentes na narrativa *O menino e os ciganos*, do autor capixaba Francisco Aurelio Ribeiro, de modo a ressaltar as articulações entre a leitura do mundo que também se faz presente nas brincadeiras, lendas, sons e ruídos que constituem o imaginário infantil.

Publicado em 2012 e ilustrado por Valter Natal, o conto escolhido como *corpus* desta análise compõe – juntamente com outros três: “Quem matou o Mar Morto?”, “O menino turista e o cachorro vira-lata”, “Seu Ovídio e a Mula Meu Amor” – o livro *O menino e os ciganos e outros contos*, no qual um narrador em

<sup>1</sup> CARVALHO, Letícia Queiroz de. “O menino e os ciganos”: um encontro entre a rua e a literatura. In: SODRÉ, Paulo Roberto et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 8: estudos críticos sobre o(a) autor(a) capixaba*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2019. p. 282-289.

\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

primeira pessoa nos conduz pelas ruas da pequena vila de Santa Bárbara do Caparaó em meio a suas experiências infantis alicerçadas nas brincadeiras, nos movimentos, cores e nas formas frequentes das ruas.

Desse modo, propomos um estudo do conto em tela, a partir da concepção freiriana da leitura do mundo (FREIRE, 1989), a nosso ver, o fio condutor da narrativa, na qual as vozes da praça, das ruas e dos espaços vivos de interlocução se entrecruzam nos discursos vivos do cotidiano e povoam o imaginário infantil.

O texto será organizado, portanto, em três seções, quais sejam: a primeira, intitulada “Da leitura do mundo ao mundo da leitura: diálogos entre a rua e a literatura”, apresentaremos – a partir da narrativa escolhida – os elementos do mundo da vida presentes no percurso textual e as suas relações com o texto literário, des tacando a visão freiriana da leitura.

Em seguida, na segunda seção, “A formação do leitor infantil sob a ótica das ruas”, discutiremos alguns aspectos do processo formativo do leitor em diálogo com a rua, articulada ao contexto social mais amplo e aos elementos presentes na vida cotidiana, os quais são preteridos em muitos espaços potencialmente educativos – escola, família, instituições religiosas e culturais.

Por fim, na seção “Apontamentos para discussão”, faremos uma síntese das ideias apresentadas a fim de que caminhos alternativos para pensarmos a leitura e a formação dos leitores infantojuvenis possam estimular novos movimentos de reflexão acerca do contato com os livros e da necessária conexão entre eles e a vida.

### **Da leitura do mundo ao mundo da leitura: diálogos entre a rua e a literatura**

A narrativa “Os meninos e os ciganos” nos remete ao cenário das ruas interioranas do Espírito Santo, espaço pelo qual uma voz nos guia em suas

reminiscências infantis. Neste conto infantojuvenil, uma criança que vive as aventuras próprias do seu universo e se encanta com as vozes, sons, cores e personagens que habitam o espaço público nos apresenta uma aventura vivida em meio a um grupo de ciganos recém-chegados a sua cidade, povo que sempre o encantou e povoou o seu imaginário, de modo a nos conduzir em uma trapaça narrativa com a qual nos provoca: teria mesmo vivido a experiência de ser levado pelos ciganos e ter se desvencilhado deles ou tal história não seria apenas um devaneio infantil?

Pouco importa, uma vez que a literatura é mesmo uma “trapaça salutar da língua”, no sentido barthesiano (BARTHES, 1980) e nos descentramentos e sobrevoos ao cotidiano que ela nos possibilita, cabe a nós, leitores, participarmos responsivamente da história e também criarmos as nossas hipóteses de leitura e os nossos caminhos. Na edificação narrativa de “Os meninos e os ciganos”, onde percorremos o espaço em que são delineadas as experiências dos personagens, os diálogos entre o universo ficcional e o espaço das ruas se fazem presentes de forma recorrente:

*A rua era o meu mundo e os transeuntes que por ali passavam constituíram meu primeiro conceito global de mundo. Os sons, ruídos, cores e formas que guardo da infância fazem parte, indelevelmente, do meu imaginário. Lembro-me, com uma sensação de intenso prazer, dos ruídos e dos movimentos que anunciavam a chegada de uma tropa de burros com os seus tropeiros (RIBEIRO, 2012, p. 7-8).*

O mundo das ruas, pois, integra as lembranças do narrador e se apresenta indissociável do ato de ler que se dá pela experiência, primeiro da leitura do mundo, deste pequeno mundo que cerca o narrador (FREIRE, 1989), para depois a leitura da palavra em situações formais.

São muitas as passagens em que – sob o foco narrativo em primeira pessoa – a realidade circundante oferece experiências sensíveis de leitura para além da palavra materializada em texto: “Outro grande prazer era a chegada das charretes, que passavam na rua, trazendo pessoas para as compras. [...]”

Admirava-me a beleza dos cavalos, baios ou negros, alazões ou malhados, sua elegância e fúria vigorosa, além das cores das charretes (RIBEIRO, 2012, p. 8).

O sentido freiriano da leitura do mundo que antecede a leitura da palavra (FREIRE, 1989) alinha-se a essa capacidade que tem o narrador de “O menino e os ciganos” de trazer à baila as emoções e experiências que o fazem representar a vida, os lugares e as pessoas quando observa atenta e argutamente o cenário das ruas em sua contradição: a elegância fina e a fúria vigorosa dos cavalos, os figurinos dos transeuntes, os ruídos vivos das vozes que o encantavam.

O encantamento maior, contudo, era a chegada dos ciganos com o colorido das suas roupas e as crendices com as quais eram criadas e propagadas muitas das suas histórias. É a narrativa que nos traz a magia do universo cigano descrita pelo olhar infantil:

*Mas o que me encantava naquela vila pacata e sono lenta era a chegada dos ciganos. Eles vinham a cavalo, com suas mulheres e vestidos coloridos, cheios de babados e fitas, cabelos enfeitados e dedos com muitos anéis. Paravam em frente à minha casa, saltavam e iam pedir mantimentos ou propor barganhas. Todos os evitavam e temiam* (RIBEIRO, 2012, p. 10).

Esse mistério que envolvia a chegada dos ciganos no espaço narrativo é o mote para as ações desenvolvidas no conto, as quais se amplificam quando o narrador personagem é levado por um deles, dentro de um balaio, sentindo-se ameaçado com os possíveis desdobramentos dessa aventura.

O conto nos mostra, também, o quanto ainda é preconceituosa a visão dos adultos sobre o universo cigano e as concepções que ele carrega historicamente consigo, quais sejam o rótulo de serem um povo pouco afeito ao trabalho, ladrões de crianças, sem valores éticos e morais, pouco cuidadosos com seus corpos, enfim, valores axiológicos que atravessam gerações e instauram pensamentos generalizantes e excludentes.

Mas o viés da nossa análise, por ora, é o de potencializar o mundo da rua na formação leitora, considerando-se a concepção ampla da leitura, para além do universo pedagógico, ou seja, a leitura do mundo como elemento humanizador e organizador das emoções e valores, os quais agregam sentidos ao contato com o mundo ficcional.

Desse modo, os diálogos entre a rua e a literatura no conto remetem à importância de se aprender a ler o mundo e de constituir como ser humano a partir das experiências que ele nos proporciona, seja no refinamento dos nossos sentimentos, seja no despertar para a vida em suas contradições mais concretas – as distorções, desigualdades, distinções entre pessoas, vestimentas, falares e valores que a constituem.

O narrador de “O menino e os ciganos” também retoma suas experiências infantis para compreender a sua leitura do mundo, tal qual Freire (1989, p. 9) que busca em suas reminiscências infantis a compreensão do seu ato de ler o mundo em seus múltiplos espaços e vivências pelos quais transitava:

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia – e até onde não sou traído pela memória –, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, recrio, e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós – à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores.

A experiência da leitura, pois, antecede o contato com a palavra escrita, povoa a memória infantil a partir dos significados advindos do modo como são vividas as experiências sonoras, sensoriais, narrativas e sociais humanizadas pela interlocução, pelas brincadeiras e pela interação com o mundo concreto. Freire (1989, p. 10) também reitera que em suas buscas para compreender-se como leitor do mundo, acima de tudo, era importante considerar que

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” do contexto ficcional se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores - das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos.

O diálogo entre a literatura e a vida em suas variadas dimensões é um pressuposto para a constituição de experiências leitoras mais integradas com as questões sociais que emergem no universo vivo das ruas, da praça, das feiras e do movimento no espaço público traduzido em sons, em cores e na pluralidade de linguagens que nos atravessam ampliando a nossa memória intertextual e potencializando o encontro do leitor com o contexto ficcional.

Sob tal ótica, uma questão nos apresenta como fio condutor da próxima seção do nosso texto: de que modo o universo das ruas amplia o contexto de formação do leitor infantil? A ela nos dedicaremos a seguir.

### **A formação do leitor infantil sob a ótica das ruas**

Trazemos conosco relações de afeto com os variados espaços que frequentamos em nossas experiências sociais. A lembrança de muitos desses ambientes que nos constituem desperta em nós sentimentos carregados de antagonismos e contradições que confirmam a nossa humanidade: cores e escuridão, amor e ódio, medos e coragens, riso e tristeza, saudades e presenças, enfim.

A leitura, considerada como prática humana e social, não pode ser desvinculada dessas emoções que nos refinam e nos possibilitam viver experiências sensíveis a partir das possibilidades que o texto ficcional nos apresenta, seja por sua materialidade que se constitui por uma linguagem que nos desafia por sua conotação e polissemia, seja pela tradução das angústias e desejos humanos na edificação do literário.

Candido (2000) ressalta a interlocução entre literatura e sociedade, em obra homônima, a partir do pressuposto da literatura como conhecimento produzido historicamente, tecido nas contradições das situações concretas da vida. A compreensão do texto literário como produto histórico e social pressupõe um diálogo entre o autor, o leitor e a sociedade, de modo a provocar, nas práticas de leitura, a compreensão ativa do sujeito-leitor (PINHEIRO, 2006).

Nessa perspectiva, de que modo a leitura do mundo possibilitaria um trabalho com o texto literário materializado em um momento significativo? Alinhada a tal questão, uma outra indagação também deveria se fazer presente no trabalho com o texto literário: por que a escola desconsidera, em suas práticas, a leitura do mundo trazida pelos alunos?

Esses questionamentos são frequentes e abundam o cenário de pesquisa concernente à formação do leitor literário. Rocco (1994) já anunciava, há algumas décadas, parte do problema ao apresentar o desinteresse dos jovens pela leitura no contexto educacional, em razão da ausência de prazer na atividade literária. Assim, no dizer da autora (1994, p. 39) a criança e o jovem que estuda

Lêem mais por exigência de uma avaliação, muitas vezes, draconiana; lêem para poderem responder às questões pouco interessantes e unidirecionais dos livros didáticos e cujas respostas são exigidas e avalia das pelo professor. Quase nunca a leitura vem ligada à satisfação. Quase nunca a leitura corre em um espaço socializado e aberto.

Ao tratar a Literatura apenas como um componente curricular na escola, sujeito a prescrições e práticas enrijecidas e sem qualquer ligação com a satisfação e a expressão de humanidade que subjaz ao universo dos leitores, a escola aniquila a possibilidade da experiência de leitura e a dialogia possível no encontro dessas experiências compartilhadas entre esses sujeitos que lêem.

A provocação de Rocco (1994) evoca questões inevitáveis sobre a prática pedagógica ainda tão enraizada no contexto escolar que habitualmente se fecha

ao diálogo com as diversas instâncias sociais e, em alguns casos específicos, distancia-se da própria comunidade e realidade cultural em que se insere.

Afinal, onde estão os sujeitos leitores? Em que lugares sociais as práticas leitoras podem se efetivar? A leitura literária na escola parece não considerar o alargamento da discussão acerca do mundo literário e dos textos que transitam em espaços diversificados – bibliotecas, museus, hospitais, salas de leitura, cursos de formação, escolas, praças, centros comunitários – nos quais os discursos renovam as formas do trabalho com a Literatura. Nesse sentido, as lembranças que emergem no conto “O menino e os ciganos” nos remetem a este debate: a rua e os seus personagens também integram a nossa memória de leitores e destacam a riqueza de um cotidiano muitas vezes ignorado nas práticas de leitura que acontecem no ambiente escolar.

Assim, a vida ordinária e todas as manifestações delas advindas são preteridas por discursos autoritários que invadem o universo da escola e desvalorizam cada vez mais a experiência humana em sua plenitude, de modo a silenciar as manifestações que buscam ressaltar esse viés do homem comum, da rua, da praça e das vivências cotidianas que podem nos ajudar a ler, compreender e modificar o nosso mundo e a nossa realidade. A leitura e a escrita das palavras, portanto, passa pela leitura do mundo. Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga (FREIRE, 1992, p. 41).

### **Apontamentos para discussão**

Percorrer o universo da narrativa infantojuvenil do autor Francisco Aurelio Ribeiro nos permitiu pensar em como as vozes que nos atravessam em nossas interações sociais e em como o mundo que nos rodeia nos oferece elementos fundamentais



para que compreendamos ainda mais a complexidade que nos constitui como seres humanos.

Infelizmente, pouco dessa leitura que o cenário social nos possibilita é considerado em nossas práticas de leitura, ainda bastante alinhadas a questões curriculares e pedagógicas distanciadas da vida pulsante do cotidiano e da vida ordinária, em suas cores, ruídos, espaços, dimensões, afetos, contradições, humor e personagens em cuja assimetria poderemos encontrar os ecos para compreendermos também a nossa humanidade.

Na puerilidade da voz narrativa de “O menino e os ciganos” encontramos traços para o resgate da leitura na escola, a partir das pistas trazidas pelos leitores em seus conhecimentos prévios construídos na vida cotidiana, os quais precisam ser valorizados no diálogo com o texto literário.

Para tal prática, a postura dialógica torna-se essencial, na medida em que essa possibilidade de ler o mundo em sua singularidade só se concretizará nos espaços de leitura em que o encontro com o texto literário seja mediado pelo cruzamento das experiências leitoras compartilhadas.

Tal qual o narrador infantil do conto, os leitores em formação precisam ser desafiados em suas reminiscências de modo a estreitar as relações entre os personagens de papel e as experiências que vivem em suas ações narrativas e as questões humanas que subsidiam a concretude da vida real.

## Referências:

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982. (Polêmicas do nosso tempo, 4)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINHEIRO, Carlos Eduardo Brefore. *Literatura em sala de aula: a dinâmica da construção do conhecimento*. Disponível em: [http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=literatura/docs/literatura\\_em\\_sala](http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=literatura/docs/literatura_em_sala). Acesso em: 20 abr. 2018.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *O menino e os ciganos e outros contos*. Serra: Formar, 2012.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *A Importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto*. São Paulo: FDE, 1994. (Série Idéias, n. 13), p. 37-42.



Capa de *Brav@s companheir@s e fantasmas 8*  
e página inicial do capítulo '"O menino e os ciganos": um encontro entre a rua e a literatura',  
de Leticia Queiroz de Carvalho.